

TAXA PAGA



Blumenau

em cadernos

TOMO XII ★ NOVEMBRO DE 1971 ★ Nº. 11

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Blumenau em Cadernos

TOMO XII

Novembro 1971

Nº. 11

UM LIVRO HISTÓRICO

CELSO LIBERATO

Entre muita coisa nova em fôlha, guarda o Cartório do 1º Tabelião de Notas de Blumenau Benjamim Margarida, em suas modernas e bem dispostas instalações, livros e documentos centenários, velharias veneráveis, que muito têm a contar da antiga colônia Blumenau, principalmente na esfera das transações imobiliárias.

Na bem ordenada seção de arquivo, velhos livros de capas pretas e reluzentes, reformados e encadernados de novo, são testemunhas mudas de atos e fatos desde os tempos do Império até os nossos dias.

Em meio a êsse precioso documentário, sobressai o primeiro Livro de Notas do então Distrito da Colônia de Blumenau, lembrança ainda da era imperial, com seus dizeres perfeitamente legíveis e escritos em esmerada caligrafia, que Margarida exhibe com visível satisfação.

Tal livro, que é o de número um, trás em sua primeira fôlha o seguinte termo de abertura: "Êste livro tem de servir para livro de notas do Distrito da Colônia Blumenau. Tôdas as suas folhas vão por mim rubricadas e numeradas contendo a última termo de encerramento com a declaração do número das mesmas. Villa de Itajahy 23 de janeiro de 1861. José Pereira Liberato, Presidente da Câmara Municipal".

Fecha o livro êste termo de encerramento: "Contêm êste livro oito folhas, tôdas por mim numeradas e rubricadas, contendo a pri-

meira, termo de abertura em que se declara o fim para que tem de servir. Villa de Itajahy 23 de janeiro de 1861. O Presidente da Câmara Municipal, José Pereira Liberato”.

Intercalo aqui um esclarecimento: naquela época, janeiro de 1861 - Blumenau ainda se achava sob a tutela política e administrativa de Itajaí, razão por que incumbia ao Presidente de sua Câmara Municipal a numeração e rubrica das folhas do livro.

O primeiro documento nele lançado, foi a «Escritura de venda fixa de quatrocentas braças de terra de frente com mil de fundos que fez o Dr. Hermann Blumenau a Pedro Wagner como abaixo se declara».

Por seu maciço conteúdo, deixo de parte a transcrição verbo ad verbum da referida escritura com as formulas de praxe e terminologia perpétua, para salientar apenas as suas peças essenciais, que são as seguintes:

VALOR DA COMPRA: dois contos e quinhentos mil réis.

CONFRONTAÇÕES DAS TERRAS: 400 braças de frente com mil de fundos sitas no arraial do Belchior confrontando pelo leste com terras de Pedro Deschamps, pelo sul com o rio Itajahy grande, pelo oeste com terras de Louis Wagner e pelo norte com terras devolutas.

A título de curiosidade é de se registrar que a quantia de dois contos e quinhentos mil réis paga pela compra desse mundão de terras, trocada por miudos, isto é, convertida nos dois cruzeiros e cinquenta centavos da atualidade, não daria para comprar hoje um kilo de carne verde. Ou uma entrada de cinema.

Essa área de terras outra não é senão a mesma onde agora se localiza a fazenda Schmalz, nos fundos da atual rua São Bento, com frente para o rio Itajaí-Açú.

IMPÓSTO: foi de cento e cinquenta mil réis o valor da cisa paga em Itajaí por esta transmissão de propriedade imóvel.

ASSINANTES: assinam a escritura o escrivão interino Victor de Gilsa, que a lavrou, o Dr. H. Blumenau vendedor das terras, o comprador Pedro Wagner e as testemunhas Hermann Wenderburg e Carlos Guilherme Friendereich.

DATA: está a escritura datada de Blumenau 3 de abril de 1861.

Estas as principais características desse velho ajuste de compra e venda de bem imobiliário em forma legal.

Mas nesta altura do acontecimento histórico, vê-se claro estar o leitor a dizer de si para consigo mesmo: afinal quem eram as personagens que assinaram o livro e a escritura?

Natural, pois, que se propicie o seu conhecimento, segundo a

crônica, ainda que através de notícia breve e sucinta.

JOSÉ PEREIRA LIBERATO, figura ilustre do passado Itajaiense, foi por muito tempo presidente da Câmara Municipal de Itajaí e chefe político local. Residia em Itajaí, na estrada Brusque, em sua fazenda de criação e cultura, onde mantinha uma indústria de pilar arroz.

Depois de salientar o papel de relêvo de José Pereira Liberato na vida econômica, política e social de Itajaí e citar exemplos de sua operosidade e austeridade administrativa, diz textualmente o grande e inesquecível itajaiense Marcos Konder nessa peça de cuidado lavôr literário, doce canto de amor á terra natal, que é a «Pequena Pátria»:

«Mas o verdadeiro organizador da administração municipal foi José Pereira Liberato, um dos mais honestos e operosos administradores que Itajaí tem tido».

VICTOR DE GILSA ou Victor von Gilsa, professor público, autor da escritura, foi o comandante do corpo de voluntários que em 1865 partiu de Blumenau para a defesa do Brasil na guerra do Paraguai.

DR. HERMANN BLUMENAU, a quem cabe a auréola de fundador e diretor da Colônia, dispensa apresentação.

PEDRO WAGNER ou Peter Wagner, lavrador, amigo e companheiro do Dr. Blumenau, foi um dos pioneiros da colonização. Era sogro de dois outros pioneiros que mais tarde se alçaram a capitães do comércio e da indústria do Vale do Itajaí: Luiz Altenburg Senior, de Blumenau e Carlos Renaux, de Brusque.

HERMANN WENDERBURG, de profissão guarda-livros, substituto eventual do Dr. Blumenau na direção da Colônia, e seu eficiente auxiliar.

CARLOS GUILHERME FRIENDEREICH, nascido na Prússia, um dos 17 primeiros emigrantes chegados em 1850, também dedicado auxiliar do Dr. Blumenau.

Revela transparentemente êste episódio do primeiro livro de notas e da primeira escritura de Blumenau, que não raro os esquecidos arquivos cartorários entesouram em seus escaninhos ricos subsídios documentários para o conhecimento e a composição da história regional.

Mas dêsse longinquo acontecimento que já desvanece na névoa do tempo, reponta uma curiosa e feliz coincidência de feitio histórico-sentimental.

É que o então Presidente da Câmara Municipal de Itajaí, José Pereira Liberato, que escreveu e assinou os têrmos de abertura e encerramento do livro e lhe numerou as folhas, imprimindo-lhe autenticidade e validade legal, era meu avô.

E Pedro Wagner que assinou a escritura como comprador das terras do Dr. Hermann Blumenau, era bisavô de minha espôsa Matilde Bauer Liberato.

Colônias Menonitas no Sul do Brasil

POR GUSTAVO KONDER

Para princípio de crônica, de-sejo esclarecer aos amáveis leitores algo sôbre a seita dos menonitas ou anabatistas.

Na época da agitada Reforma, nasceu a seita dos anabatistas, um movimento sócio-religioso, desenvolvido simultaneamente nas regiões da Suíça e Alemanha do Sul, bem como nas antigas províncias, hoje chamadas de Países Baixos. O seu maior líder foi Menno Simon, e o seu nome, em relação aos seus seguidores, usado como sinônimo de opróbrio (Menistas), tanto pelos católicos, como pelos membros das Igrejas protestantes.

Os menonitas, durante tôda a sua história, não deram nenhuma importância à teologia sistemática, nem à organização uniforme das Igrejas. Não há, entre êles, um Lutero, Zwinglin ou Calvino, cuja obra sistemática sirva como fonte autorizada da fé e da prática menonita. Tal situação é fácil de compreender, desde que se tenha presente que os menonitas sempre atenderam ao "seguir o Cristo" (Nachfolge Christi), do que à formulação de artigos de fé ou mesmo de atos formais (sacramentos) que caracterizam algumas outras crenças religiosas. Uma vez que as Igrejas Protestantes daquela época eram "Igrejas do Estado", o princípio de separação do Estado, defendido pelos menonitas,

não foi aceito pelos protestantes, de modo que os membros do movimento anabatista foram perseguidos e até condenados à morte, assim aconteceu com Jakob Hutter, líder anabatista da Moravia, que morreu queimado.

Em face da persistente perseguição, ainda no século XVI, alguns menonitas emigraram da Holanda para o delta de Vistula, na região de Dantzig, afim de encontrar a liberdade religiosa e paz, um ato que se tornou a reação típica dos menonitas, em várias regiões da Europa e em diversas épocas (1500-1800), qual seja o favor da situação de perseguição.

Os menonitas do Brasil são descendentes dos anabatistas evangélicos dos Países Baixos (Holanda). É muito importante distinguir os anabatistas evangélicos, dos quais procedem tanto os menonitas, como os batistas, dos "anabatistas fanáticos", como por exemplo, os anabatistas de Münster, da Alemanha, que procuravam introduzir o "Reino de Deus pela força", em 1534.

Os seus ancestrais ficaram cêrca de dois séculos na região de Dantzig, quando emigraram para a Rússia (1789-1850), em atenção ao apêlo da Rainha Catharina a Grande.

Os menonitas estiveram na

Rússia mais de 150 anos e durante esse tempo, ali desenvolveram um sistema agrícola e industrial, principalmente na Ucrânia, que se tornou mundialmente famoso. Na produção de apetrechos agrícolas, bem como na produção de trigo, os menonitas tornaram-se na Rússia, agricultores modelo.

Em 1914, os anabatistas russos totalizavam mais de 100 mil componentes, distribuídos, desde o sul da Rússia (Ucrânia) até o Turquestão, a Sibéria e o rio Amur, na fronteira da China. Possuíam mais de 1.600.000 hectares de terras, 8 firmas industriais com 1.800 funcionários, 38 olarias e 6% de toda a maquinaria agrícola da Rússia. Mantinham 400 escolas primárias, 13 ginásios, 4 colégios para moças, 2 colégios para a formação de professores, 2 institutos técnicos, 1 escola comercial de nível universitário, com 8 anos de estudos, 1 educandário para surdos e mudos, 1 escola para diaconesas e uma escola Bíblica. Também tinham hospitais, abrigos para orfãos e para velhos, bem como sanatórios para doentes mentais. Todos os professores ou médicos e enfermeiros foram especialmente treinados nas universidades da Alemanha e Áustria.

A vida social, cultural e religiosa dos menonitas, na Rússia, ampliou-se somente no isolamento de «Colônias fechadas», cuja independência fôra permitida pelo famoso decreto «Privilegium» do Czar Paulo I.

Embora originados da Holanda, os menonitas, durante dois séculos de permanência na região de Dantzig, adotaram, cada vez mais, a cultura alemã e assim,

quando emigraram para a Rússia, intelectualmente já enraizaram mais á Alemanha do que á Holanda. Durante os 150 anos os menonitas russos robusteceram as suas relações culturais com a Alemanha. Nas colônias menonitas da Rússia, a preservação da religião e da cultura germânica, cada vez mais se tornou um fim único. A língua falada pelos menonitas é o Platt-Deutsch, dialeto alemão da região prussiana. Este dialeto, aliás, já se encontra extinto na Alemanha.

Em seguida relatarei a história da colonização menonita do Brasil.

Nos princípios do ano de 1930 um grupo de 1.200 imigrantes russos menonitas chegou ao Brasil, fixando-se em Santa Catarina, no então grande município de Harmonia (hoje Ibirama porém município reduzido), organizado pela Companhia Hanseática de Colonização. Estes imigrantes eram refugiados, que conseguiram sair da Rússia, em 1929, com a ajuda do governo alemão e desejavam emigrar para a América. O grupo que escapou da ensanguentada Rússia, sob a efígie do cruel Stalin, era constituído de 5.000 pessoas, das quais apenas mil obtiveram permissão para entrar no Canadá. Os restantes foram encaminhados ao Paraguai e ao Brasil.

A colonização, tanto no Brasil assim como no Paraguai, foi financiada por várias instituições filantrópicas, principalmente da Cruz Vermelha Germânica, e também do próprio governo alemão, cujo presidente, Marechal Hindenburg, demonstrou simpatia e interesse pelos refugiados. Nos seus

depoimentos, vários menonitas mostraram, orgulhosos, fotografias em que apareceram com a filha do Hindenburg, ajudando os refugiados.

Em Santa Catarina, o primeiro contingente apareceu em fevereiro de 1930 e foi encaminhado, pela citada companhia colonizadora, para o vale do rio Krauel e seus afluentes Ann, Cambará e Catanguára, situados bem ao norte do município de Rio do Sul. Nos meses seguintes vieram mais lévas e estabeleceram-se na mesma região, onde formaram a colônia de Krauel, com três aldeias denominadas Waldheim, Gnadental e Wittmarsum, tendo esta como centro de todo o estabelecimento menonita. Mais tarde, com a chegada dos últimos anabatistas, surgiu a quarta aldeia chamada Auhagen, distante trinta quilômetros da primeira colônia. Nos primeiros três núcleos fixaram-se cerca de 700 pessoas e no último perto de 500 pessoas, perfazendo o total de 1200 imigrantes. Para o Paraguai, 150 quilômetros a nordeste de Assunção, em terras planas, cobertas alternadamente de densa floresta ou de bom pasto, 2.800 menonitas.

Os menonitas, estabelecidos na colônia de Krauel, receberam ajuda das instituições promotoras da colonização, amparando assim a sua manutenção por um ano, com gado e implementos agrícolas. Também financiaram a construção de rústicas casas, escolas e um pequeno hospital, a instalação de 2 serrarias, dois moinhos e uma atafona (moinho movido por cavalgaduras) para a fabricação de fécula de mandioca. No ano seguinte foi instalada a indústria,

embora primitiva, de manteiga, requeijão e queijo.

Apesar de tôdas as vantagens oferecidas, os primeiros anos foram bastante árduos para os valerosos colonos, pois tôda a região era muito acidentada, coberta de mata sub-tropical e, embora cada família houvesse recebido um hectare de terra já desmatada, havia muito por fazer. Os colonos confessaram, nos seus depoimentos, as suas desilusões e sofrimentos com as duras condições do terreno e sua inexperiência quanto às técnicas de desmatamento e com a impraticabilidade dos cultivos aos quais estavam acostumados, sobretudo o trigo e outros nobres cereais. Os mesmos camponeses sempre viveram em terrenos planos, como as estepes da Ucrânia (Rússia) e, segundo declarou um dos imigrantes: "na Rússia, na região onde vivíamos era tudo tão plano que se avistavam seis aldeias sem subir nem mesmo em uma cadeira".

As dificuldades de acesso e de circulação dos bens produzidos eram enormes, especialmente para a colônia de Auhagen. O percurso dessa colônia à Wittmarsum, centro principal do núcleo colonial do vale do Krauel, onde situava as atividades de beneficiamento, como serraria, moinho e outros, levava 8 horas e, por causa disto, já em 1934, os colonos abandonaram Auhagen, mudando-se para o centro principal. Algumas famílias reimigraram para o subúrbio de Curitiba, denominado Vila Guaira (Gartenbandsiedlung), onde convergiam os elementos de origem germânica.

No início da colonização em

Santa Catarina, muitos jovens, na sua maioria moças, saíram dos núcleos coloniais para trabalharem em Blumenau, Curitiba, São Paulo e outras cidades, trabalhando nas fábricas, hospitais ou serviços caseiros para poderem ajudar financeiramente as suas famílias radicadas no Vale Krauel.

O grupo de colonos que se fixaram no mesmo vale, demonstrou grandes esforços para sanar as dificuldades ali encontradas, conseguindo uma relativa prosperidade material. Formaram um conjunto de instituições, entre as quais a cooperativa com fins econômicos e sociais, escola de nível elementar e médio, dirigida por um menonita mais instruído, assistência hospitalar, além daquelas de caráter religioso, como a igreja, todas instaladas em sedes, propriamente construídas, embora bastante modestas.

Contudo, a maioria dos colonos continuava insatisfeita com a localização e ansiava encontrar outra terra melhor para o seu habitat definitivo, e que era o tema constantemente debatido entre os menonitas.

O anseio apresentou-se em 1949, quando o governo do Rio Grande do Sul, com o fito de estimular a produção de trigo, ofereceu vantagens para a compra de terras apropriadas para este fim, nas terras planas do município de Bagé, terra natal do nosso preclaro Presidente da República, General Médici.

Ao saberem dessa possibilidade e sem esperar os favores governamentais, alguns menonitas, mais impacientes, comandaram a

reimigração de um terço da população da colônia de Krauel, verificado em 1950, para estabelecerem-se na nova localidade, chamada Colônia Nova, nas proximidades de Bagé, com área de 3.000 hectares. Eram 70 famílias, ou sejam 365 pessoas, saíram da colônia catarinense, criando sérias dificuldades para os restantes que ficaram permanecendo aí.

As famílias retirantes, em muitos casos, venderam as suas propriedades às pessoas estranhas às que ficaram, impedindo assim a coesão comunitária, tradicionalmente conservada pelos menonitas.

Infelizmente, o nosso Estado, por intermédio do seu governo, não manifestou nenhum interesse pela sorte dos restantes menonitas e, já em 1950, graças às providências tomadas pelo clarividente governador do Paraná, Dr. Bento Munhoz da Rocha Netto, entusiasta incentivador da colonização holandesa no Paraná, começou a reimigração dos restantes do Vale de Krauel para a grande e antiga fazenda de Cancela, com 3.250 hectares, situada no município de Palmeira, mais ou menos paralela à magnífica Rodovia, que liga Curitiba à Ponta Grossa.

A transferência completa das famílias, que saíram da antiga colônia de Wittmarsum, exigiu muitos sacrifícios, requerendo alguns anos e somente foi terminada em 1954. Ficaram apenas três famílias que não queriam abandonar suas propriedades, mas creio que atualmente não existem mais remanescentes por lá, segundo me revelaram alguns moradores de Presidente Getúlio, o atual município do vale do Rio Krauel. A antiga

aldeia de Wittmarsum continua em pé, porém com gente diferente, enquanto as outras aldeias Waldheim, Gnadental e Auhagen infelizmente desapareceram. Foi uma pena!

A antiga fazenda de Cancela, hoje denominada Colônia Wittmarsum, foi dividida em 5 aldeias, sendo 4 colonizadas por mais de 800 menonitas (65% vindos de Santa Catarina e o restante do Paraguai e de Bagé). A última aldeia, a quinta aldeia, foi reservada para a futura expansão. Hoje constitui, em face da sua extensão, a maior colônia menonita do Brasil, depois da colônia do Paraguai, cujos habitantes também estão interessados em reimigrar para Colônia Wittmarsum, do estado do Paraná. As cinco aldeias da promissora colônia não trazem, como é tradicional em outras colônias menonitas, o nome das antigas aldeias alemãs ou russas, sendo apenas numeradas (1, 2, 3, 4 e 5).

Existem também outras colônias, porém em menor escala nos três estados sulistas. Em Blumenau, no bairro da Velha, vivem algumas famílias desta casta e onde possuem uma pequena igreja.

No centro da próspera colônia (Stadtplatz) da Colônia Wittmarsum foram instaladas as instituições de utilidades comuns, exercendo assim as funções comerciais e sociais. Encontram-se ali a sede da Cooperativa, com seus escritórios de administração, seus armazens e depósitos, o moinho e a loja de vendas, bem como a grande edificação da fábrica de laticínios e usina de pasteurização do leite, bem como, ainda, o salão de reuniões para fins administra-

tivos e sociais. Também estão instalados na área central, a escola da comunidade e o hospital. Situado em terreno amplo e elevado ergue-se a moderna Igreja Menonita e, ao lado, um salão para festividades onde realizam os programas sociais da Igreja.

Curitiba e Ponta Grossa, graças à magnífica Rodovia, recebem diariamente leite pasteurizado, com a marca bem conhecida "Cancela", pela citada colônia e, só no ano passado, produziu mais de seis milhões de litros!

O eminente Dr. Bento Munhos da Rocha Netto prefaciou em um dos livros, o seguinte teor: "Colônia Wittmarsum é um exemplo que pode ser seguido. É um próspero jardim plantado em áreas já taxadas de impróprias para a imigração. A colonização de alemães e russos do Volga, no século passado, a que já nos referimos, desacreditou, como observa a monografia, nossos campos gerais. Os menonitas prosperaram. A época é outra. A técnica é outra. A herança é outra. A integração econômica é completa. Colônia Wittmarsum deve servir de exemplo, como "Castrolândia" (dos holandeses) e "Entre-Rios" (dos suábios), a caminho da valorização de uma vasta região paranaense".

O meu conterrâneo e companheiro de infância, João Benno Asseburg, neto do saudoso armador Guilherme Asseburg, casado com uma das filhas dos menonitas, também colabora na mencionada Cooperativa e foi um dos pioneiros da organização da Colônia Wittmarsum. Fato que muito me sensibiliza e orgulha!

AVENTURAS DE UM MOÇO

ALEMÃO NO BRASIL

KURT MATTHES

DESPEDIDA, CHEGADA E OS PRIMEIROS ANOS NO BRASIL

Nascido e criado em Dresde, a bela Florença do Elba, emigrei, em junho de 1902, para o Brasil. Eu, meu pai, minha madrasta e um irmão por parte de pai.

Eu tinha exatamente 12 anos. Saímos de Hamburgo e atravessamos o oceano no vapor «Corrientes». Eramos uma centena de pessoas, homens, mulheres e crianças, moços e velhos. Todos vínhamos em terceira classe, apertados como aves num galinheiro. As discussões e brigas surgiam, de vez em quando, o que pouco se me dava, pois eu ali só aparecia nas horas de comer e dormir. O resto do tempo, passava-o no convés, tendo feito boa comaradagem com os marinheiros. Participei, ativamente, do Batismo à passagem do Equador e, por mais de uma vez, deixei-me ensaboar e atirar-me á piscina de água salgada.

Depois de quase cinco semanas de viagem, aportamos em S. Francisco, então uma cidadezinha pouco limpa, mas interessantíssima para um rapazinho de 12 anos, que vinha de uma cidade grande. Os pescadores, de pele brozeada ou negra, remavam em suas canoas, espantando caranguejos, moluscos, pequenos peixes, uma série incontável de animais aquáticos. Língua estranha e muitos frutos, laranjas, bananas, abacaxis, melancias e muitas outras. Flôres maravilhosas por tôda parte, beijadas por colibris de penas reluzentes, papagaios multicoloridos, periquitos verdes e uma série maravilhosa de coisas que a gente não se cansava de admirar, estonteado.

Mas a noite a coisa era outra. De pulgas e mosquitos e bichos de pé, já no segundo dia, eu estava mais que farto e até ratos haviam passado sôbre o meu corpo.

Ninguém queria tocar na comida, constante de feijão bichado, farinha e um pedacinho de carne sêca.

Nós, os rapazes, escapávamos para os arredores da cidadezinha e encontrávamos, sempre, bananas maduras, laranjas e tangerinas, de sorte que pouca fome sentíamos.

Demorou alguns dias a chegar o navio costeiro que nos levou para Itajaí. Durante a viagem, caiu um temporal com ondas da

altura de uma casa que atiravam o barco de um lado para o outro, como se fôsse um brinquedo. De repente, sentiu-se um estrondo e o navio ficou parado até que nova onda o tornou a levantar. A própria tripulação já alertada, dizia que o navio havia batido em algum escolho. Felizmente, o barco não fez água e, na manhã seguinte, chegávamos sãos e salvos em Itajaí. Ali fomos novamente hóspedes do barracão de imigrantes, onde, entretanto, encontramos melhor tratamento que em S. Francisco.

No dia seguinte, continuamos a viagem pelo rio Itajaí Açu acima, no vaporzinho de rodas «Blumenau», tendo chegado a Blumenau depois de um trajeto de 8 horas. Ali estávamos novamente entre patricios. A chegada e o tratamento foi bem melhor que anteriores.

Meu pai, porém, não suportou o barracão dos imigrantes e, então, alugou uma casinha de madeira na entrada da «Velha», escondida entre cafêzeiros, bananeiras e laranjeiras. Ali também havia mosquitos e bichos-de-pé.

No dia seguinte, minha madrastra e eu fomos à venda para fazer compras. Foi ali que eu encontrei o meu primeiro emprêgo como ajudante. Não me pareceu pesado o encargo, pois, como rapaz de 8 para 9 anos, eu me sentia obrigado também a ajudar nas despesas da casa. Meu trabalho consistia em varrer a venda, a casa e o pátio, tratar das galinhas, dos porcos e dos cavalos, capinar as roças e, até mesmo, tive que servir de ama sêca, o que eu fazia de boa vontade. Isso tudo de manhã á noite, sem descanso.

Alguns dias depois, meu pai, minha madrastra e meu irmão, voltaram para a Alemanha. Eu fiquei só na terra estranha.

Passaram-se algumas semanas e meses de trabalhos árduos e continuados, agravados pelos inúmeros perigos de cobras venenosas e os incômodos de brotoejas e dos malfadados insetos.

Muito raramente vinha-me uma palavra de carinho, o que não me era estranho, pois, em casa eu já me acostumara a isso.

Apesar de tudo, guardo ainda duas fortes e gratas recordações desse tempo. A primeira, do vendeiro, Sr. Artur Germer, da «Velha Pequena», que vinha duas vezes por semana à nossa casa. Ele vinha pelo almoço e fazia questão que eu o servisse, tratando-me com muita amabilidade e conversando longamente comigo, sôbre os mais variados assuntos.

A segunda e saudosa recordação era de quando eu tinha que levar ou ir buscar ao pasto o cavalo de montaria do patrão. Eu montava-o com o orgulho de bom cavaleiro. Aconteceu que, certa vez, eu não pude resistir á tentação de dar uma boa troteada pelos arredores. Ao regressar, com bem meia hora de atrazo além do costume, o céu despencou sôbre mim de tanta praga e «Donnerwetter» que eu fui

obrigado a ouvir. E, o que foi pior, o patrão pôs-me no ôlho da rua.

O meu pobre coraçãozinho de 12 anos já estava habituado a tanta crueldade; aquilo, porém, eu estava longe de esperar. Com os olhos marejados de lágrimas, fiz a minha trouxa e caminhei em direção á cidadezinha. A caminho, porém, dei de cara com o Sr. Artur Germer, da «Velha Pequena», que vinha na boléia de sua carroça. Êle admirou-se muito de me ver ali e perguntou-me aonde eu ia tão triste. Quando lhe contei o que me havia acontecido, êle não pensou duas vezes para me dizer:

- «Sobe para a carroça, rapaz. Vais ficar lá em casa.»

Da jovem espôsa dêle eu também recebi uma recepção cordial e fui, dali em diante, tratado como filho da casa, onde havia também uma criança de que eu passei a cuidar. Mas ia também trabalhar na roça, fazer derrubadas, queimadas, plantações e capina. Tinha também que cuidar das vacas e dos cavalos.

À noite e aos domingos, eu auxiliava na venda e sentia-me satisfeito e feliz. Finalmente, havia encontrado um lar onde era tratado com carinho. O lado sombrio da vida de colono não despertava em mim sentimentos de revolta. Interessava-me, apenas.

Combater as formigas carregadeiras, as famigeradas saúvas, custou-me muito suor e muito trabalho. Por mais de uma vez as formigas «CORREÇÃO» invadiram-nos a casa tôda, fazendo que todos pulassem, à noite, de suas camas. As cobras venenosas constituíam sempre motivo de preocupação quando estávamos na roça. E acontecia também encontrar-se um gambá que, ao ser molestado, esguichava um liquido que, atingindo alguém, deixava-o fedendo pelo resto do dia.

O tempo passou rápidamentee. Com os meus 13 anos eu já havia me integrado bem na vida de colono, tinha bebido muita cachaça e sabia jogar bem o «burro» e o «66».

A minha ocupação predileta, entretanto, era a lida com os cavalos, andar de carroça e montar. Eu não perdia oportunidade, que se me propiciasse, de escanchar-me no lonbo de um ginete fogoso, ou mesmo de alguma mula empacadeira e teimosa. Não foram poucas as vezes que fui jogado fóra da sela, mas não disistia de tornar a montar.

Com 14 anos de idade começou, para mim, uma nova vida com o retôrno dos meus pais da Europa.



A Vila de Laguna foi separada da Capitania de São Paulo, por carta régia de 4 de janeiro de 1742, e unida à do Rio de Janeiro.

Contribuição de Blumenauenses para a Construção da Rodovia São João - Barracão

OTTO LACZYNSKI

É de conhecimento geral, que anos atrás o serviço militar era feito por meio de sorteio, e foi no ano de 1929, pela primeira vez que um grupo de 55 sorteados da classe 1906, procedente dos diversos distritos do antigo município de Blumenau, foi incorporado ao 5º Batalhão de Engenharia, sediado em Curitiba e encarregado pela Comissão de Estradas de Rodagem Paraná - Santa Catarina, da construção da rodovia São João - Barracão, quando se encontrava á testa do Ministério da Viação, o eminente conterrâneo Dr. Victor Konder.

Partimos de Blumenau, ao anoitecer do dia 30 de abril, junto com outro grupo, destinado, em parte ao 13º RI., de Ponta Grossa e em parte ao 9º RAM., de Curitiba, em diversos ônibus, acompanhados pelo 1º Sargento João da Mata Pereira Gomes, meu velho amigo, ainda residindo nesta cidade, reformado no posto de 1º tenente, com destino a Jaraguá, onde pernoitamos.

No dia seguinte, pelas 9 horas, seguimos em dois vagões especiais, engatados no trem de carreira, inicialmente até Mafra, onde foi engatado em outro trem o vagão com os grupos destinados a Curitiba e Ponta Grossa e nós seguimos até Porto União.

Como havia sido encarregado

pelo Sargento João da Mata, o qual de Jaraguá voltou para Blumenau, de conduzir o grupo, ao chegar a Porto União, pelas 22 horas, apresentei-me ao Sargento Saluciano, que nos esperava na estação. Recebemos então instruções de não nos afastarmos do local, pois pela 1 hora da madrugada, o nosso vagão seria engatado ao trem procedente de São Paulo e de passagem para Porto Alegre nos levaria a São João dos Pobres (hoje Matos Costa). O trem entretanto veio com um atraso de cerca de 2 horas e assim chegamos a São João ao amanhecer. Como a localidade está situada a mais de 1200 metros de altitude, o frio foi horrível e recebemos a primeira amostra das geadas dos Campos de Palmas, a região mais fria do Paraná.

Após esperar cerca de 3 horas, apareceram dois caminhões que nos iam transportar ao Acantonamento Major Motta Teixeira, ha ca. 30 kilometros de distância, então séde do comando do Batalhão, comandado pelo Coronel José Ozorio.

Ali chegados, foi inicialmente feita a inspeção de saúde pelo 1º Tenente Médico Dr. Benjamin Simão, que mandou, sempre um grupo de 10, tirar a roupa o que em virtude do intenso frio não foi nada agradável e por fim todos foram julgados ap-

tos. Em seguida foi procedida a incorporação, sendo a maioria dos blumenauenses incorporados a 1ª companhia e alguns, inclusive eu, à 2ª companhia.

Como o rancho não havia sido preparado para um grupo maior, já que em Major Motta Teixeira somente existiam a Casa da Ordem, Serviço de Saúde, Enfermaria, Almoxtarifado e o Aproveisionamento, o almoço foi um tanto fraco.

Aguardando os acontecimentos, fui indagado por um 2º tenente intendente, referente a minha profissão e tendo informado que era comerciário e apresentado um atestado que levava da firma Schrader & Cia., na qual trabalhava, o oficial, Tenente Abilio Corrêa Bueno, (hoje reformado no posto de major, residindo em Curitiba, onde fui visitá-lo poucas semanas atrás, após 40 anos,) ordenou-me que deveria seguir, pela primeira condução, a Horizonte, onde se encontrava acampada a 2ª companhia, e apresentar-me ao comandante Capitão Paulo Mac Cord, informando-o que ficaria a disposição do Serviço de Aproveisionamento, serviço no qual trabalhei 14 meses.

Parte dos meus companheiros ficou por mais alguns dias em Major Motta Teixeira e os demais seguiram na mesma tarde a Morro das Pederneiras localizado 18 kilometros antes da cidade de Palmas, em altitude de 1250 metros, onde estava já acampada parte da 1ª companhia então sob o comando do 1º Tenente Homero de Abreu, o mais jovem oficial do Batalhão.

Devo esclarecer que o 5º

BE., tomava parte ativa nos serviços de terraplanagem, ficando para cada companhia um certo trecho da estrada, sempre entre trechos de sub-empregados civis, os quais eram fiscalizados pelos oficiais do batalhão. Como na época não existessem as modernas máquinas todos os serviços eram feitos com a enxada e picareta e o transporte feito por galhotas puxadas por burros.

Tendo chegado a Horizonte ao anoitecer, instalei-me no armazém, aguardando a chegada do meu chefe, Tenente Abilio, o que ocorreu na manhã seguinte. Iniciamos, então, o nosso serviço, fechando, inicialmente, o movimento do mês de abril e estando tudo pronto, no dia 6 de maio o proveimento foi transferido também para Morro das Pederneiras e instalado em um rancho feito de rachões de pinho e coberto com chapas de zinco, do mesmo tipo do alojamento da 1ª companhia, distante cerca de 1000 metros, onde fui rever os meus conterrâneos e onde tive que assistir 3 dias por semana à instrução, já que nos outros 3 dias os recrutas trabalhavam na picareta, serviço bastante duro, do qual fui dispensado e em virtude da minha ocupação no armazém.

Os domingos eram aproveitados para lavagem de roupa e corte de cabelo e barba, feitos pelo soldado Ervino Wolf, de Indaial, que tinha trazido os aparelhos necessários. Também aos domingos era feita a correspondência e os blumenauenses eram os que mais escreviam aos familiares e amigos, destacando-se o soldado Henrique Lucas, hoje residindo em Salto do Norte, que es-

crevia, semanalmente, à noiva. Eu recebia, tôdas as semanas, cartas da minha saudosa Mãe que me escrevia aos domingos. A correspondência para o batalhão vinha em mala especial, via Pôrto União.

Era encarregado do armazém em Morro das Pederneiras, o 2º Sargento João Ribeiro Falavinha, que ficou contente em poder conversar sôbre Blumenau, pois tinha servido, quando cabo, na 9ª Companhia de Metralhadoras, por diversos anos aqui aquartelada.

Nas proximidades do armazém foram construídos a padaria e o matadouro, pertencentes a civis, acompanhantes do batalhão e estabeleceu-se ainda um outro cidadão, com um pequeno negócio, vendendo aos militares e trabalhadores civis, pasta de dente, sabonetes, cigarros e outras miudezas. Bebidas alcoólicas eram rigorosamente proibidas.

Na época foi organizada a 3ª companhia, a qual ficou alojada na Fazenda Rotilho Ribas, entre Morro das Pederneiras e Palmas, sendo comandada pelo Capitão Octacílio Terra Ururahy, o único oficial que encontrei, após ter deixado o Exército, pois fui visitá-lo em 1939, em Rio Negro, quando, no posto de major, comandava o 2º Batalhão Ferroviário. Anos depois, quando o Dr. Café Filho, na Presidência da República, visitou Blumenau, para inaugurar a linha ferrea para Itajaí, fazia parte da comitiva o então General de Brigada Ururahy e hoje é General de Exército e Ministro do Superior Tribunal Militar.

Com o avanço da construção, a 2ª companhia foi transferida pa-

ra um lugar denominado "Henrique Bauer", distante 9 kilometros do armazém e o comando do batalhão transferiu-se para a cidade de Palmas. Tendo o meu chefe, Tenente Abilio, ido residir na casa do sogro, em Palmas, deixou aos meus cuidados, uma formidável cama de campanha e assim supor-tei melhor o horrível frio, que em dias seguidos, ia até 8 graus abaixo de zero.

Nos primeiros dias de setembro, foram feitos os exames do 1º período de instrução e em 12 de setembro foi prestado o compromisso à bandeira, já que no dia 7 não foi possível, devido à forte chuva. Na ocasião constou do boletim, a meu respeito, o seguinte: "Foi elogiado pelo Comandante do Btl. por ter obtido um dos três primeiros lugares, nos exames de 1º período de instrução, revelando aptidão para cabal desempenho das suas funções, tornando-se assim merecedor de ser apontado como exemplo aos seus camaradas, como praça inteligente, esforçada e dotada de sentimentos cívicos".

Após os exames, muitos blumenauenses foram tirados dos serviços de terra, passando para outros serviços, especialmente os que não eram lavradores e assim Hans Sporrer, de Dona Emma, foi para a carpintaria, Paulo Zwicker e Ricardo Krumenauer para a ferraria, Ervino Wolf para o armazém Horizonte, Pedro Ledra de Rio do Sul, para o almoxarifado, Daniel Feltrin, de Rio d'Oeste, veio para o nosso armazém, Henrique Lucas ficou encarregado de uma turma de 40 homens, na retaguarda, tratando de serviços suplementares, como valetas, cabeças

de pontes, nivelamentos etc., e Rolado Lang foi para a turma de exploração, avançada sempre uns 50 kilometros.

Eram concedidos, a partir de então, 4 dias de dispensa, licença que para nos chegava unicamente para a viagem de ida e volta, e foi então que aconteceu o caso mais vergonhoso que podia ocorrer, pois dois blumenauenses, um de Hamonia (hoje Ibirama) e outro de Timbó, cujos nomes não desejo mencionar, aproveitaram a licença para desaparecer para sempre, desertando. Não sei se foram posteriormente capturados e processados. Os demais conterrâneos tiveram um comportamento exemplar e tenho conhecimento de uma única punição e esta em consequência de um tremendo azar. Um soldado domiciliado em Massaranduba, sempre com muita saudade da família, resolveu passar o Natal em casa e recebeu os 4 dias de licença, aproveitando o primeiro dia para viajar de Palmas a São João e como condução somente após ao almoço, chegou ali à tarde, tendo sido informado, então, que o trem para Pôrto União já havia passado. O único jeito era fazer o trajeto a pé e caminhou então a noite toda, pela linha, para alcançar, em Pôrto União, o trem com saída marcada às 7 horas para São Francisco entretanto, muito cansado, resolveu sentar-se um pouco e adormeceu. Quando acordou já era dia claro e já passava das 7 horas e assim teve que perder o segundo dia em Pôrto União e, somente no terceiro dia, a noite chegava a Bananal (hoje Guarámirim) e foi então novamente a pé até Massaranduba, chegando

de madrugada em casa. Em virtude dos imprevistos, voltou com alguns dias de atrazo e foi parar no xadrez.

Em 1º de novembro, foram feitos os exames dos candidatos a cabo. Sendo aprovado, fui promovido no dia seguinte.

Dias após, foram iniciados os preparativos para a transferência do aprovisionamento para Palmas e assim deixamos os campos, depois de uma permanência de 6 meses, todo o inverno de 1929, com frio intenso, muita chuva e uma nevada, mas também com dias maravilhosos e lindas noites de luar, quando iamos caçar tatus. Na retaguarda, entretanto, ficavam os armazéns de São João, Horizonte e Morro das Pederneiras, para atender as turmas de conserva e serviços suplementares.

Na cidade de Palmas, o serviço foi instalado em um edificio de construção de madeira, porém muito bem feito, que anteriormente servia de depósito de ervamate. O almoxarifado ficava no mesmo local e nos fundos, em galpão, foram instaladas a carpintaria e a ferraria. Ficamos, assim, um grupo de 6 blumenauenses.

Foram designados para servirem no aprovisionamento mais 2 cabos, Ladislau Laska, de Campo Alegre e Leofredo Alves Lisboa, natural de Vallões, que eu já conhecia do Colégio Santo Antônio, onde esteve no internato em 1918/19, ficou no Exército, passando em 1957 para a reserva no pôsto de capitão.

Em Palmas encontramos

diversos blumenauenses, ali radicados há muitos anos, como o funileiro Mueller, de Salto Weisbach, o marceneiro Jark, igualmente de Salto Weisbach e o seleiro Kluge, de Indaial, que receberam os conterrâneos de braços abertos e passamos com as respectivas famílias horas agradáveis.

As relações entre o povo da pequena cidade e os militares foram as melhores e diversos oficiais e sargentos casaram ali. Dos blumenauenses o soldado Alfredo Salvador, de Indaial, após ter dado baixa, voltou para Palmas, casou e ainda reside lá.

A 1ª companhia, já então sob o comando do 1º Tenente Alvaro Barroso Junior, foi transferido também, para as margens do Rio Caldeira, nas proximidades de Palmas, ficando porém poucas semanas, pois já no início de 1930, foi novamente transferido, então para o Rio das Lontras, pouco além da cidade.

Fiquei ali, no armazém, até principio de fevereiro, pois sendo a 3ª companhia transferida para as proximidades de Clevelândia e a 2ª companhia para as margens do Rio São Francisco, além da cidade, foi aberto um armazém em Clevelândia, do qual fiquei encarregado. Também encontrei ali um velho conterrâneo, o comerciante Francisco Kaestner, de Salto Weisbach.

A minha permanência em Clevelândia foi de 3 meses e deixando o Tenente Abílio o aprovisionamento, sendo designado para substituí-lo o 1º Tenente Lino de Melo Lima, fui chamado, novamente, para Palmas, ficando encarregado do armazém, já que o

Sargento Falavinha também fôra designado para outro serviço.

Em fins de abril foi concluído o trecho Palmas - Clevelândia e, na ocasião, o Comandante mandou constar das alterações de diversas praças a seguinte anotação: "Maio 1º - foi pelo Sr. Comandante do Btl. elogiado pelo magnífico espírito de disciplina, pelo aproveitamento demonstrado na instrução e deligentes esforços com que concorreu para a construção de mais êsse grande trecho, Palmas Clevelândia, da rodovia São João Barracão".

Com a chegada dos novos recrutas, inclusive um grupo do Vale do Itajaí, foram iniciados os licenciamentos, ficando porém todos os empregados para a última turma.

Sendo, em 25 de junho, promovido a 3º sargento, fui transferido para a Seção Extranumerária, continuando entretanto no aprovisionamento.

Transferido para o Rio de Janeiro, a fim de substituir no comando do Corpo de Bombeiros, o ilustre catarinense, Coronel Gustavo Lebon Régis, o nosso grande Comandante, deixou em 5 de julho o comando do Batalhão, transferindo-o ao Major Henrique de Azevedo Futuro, e, por fim, fez constar nas alterações de todos os praças de bom comportamento o seguinte elogio: "O Sr. Coronel José Ozorio, ao deixar o comando do Batalhão, louvou-o e agradeceu o serviço prestado durante o seu comando".

O brilhante oficial veio a falecer, poucos anos depois, ainda na ativa, no pòsto de General-de-

Brigada, quando comandava a Brigada de Infantaria, sediada em Caçapava, no Estado de São Paulo.

Os poucos automóveis existentes, na época, em Palmas, acompanhavam, na tarde 5 de julho, o estimado oficial, até certa altura da estrada, quando ocorreu um horrível acidente, morrendo, em consequência do capotamento do seu carro, a senhorita Ondina Ferreira, da alta sociedade de Palmas, que estava acompanhada de outras três moças, uma filha do nosso padeiro, Marina Teske, que ficaram bastante feridas.

Na construção, lamentavelmente, registramos também alguns acidentes fatais, entre os trabalhadores civis, sendo o mais triste o do soldado Friedrich, de Campo Alegre, soterrado por uma barreira, poucos dias após à incorporação.

Chegou então o dia 11 de julho, dia do licenciamento da última turma e diversos blumenauenses viajaram já no dia seguinte, outros entretanto ficaram mais alguns dias para as despedidas das

famílias amigas. Voltei mais uma vez a Clevelândia, para levar o meu abraço aos meus camaradas, amigos e ao bom povo daquela querida cidade, que nos havia tão bem recebido.

Em Palmas, levei dois dias para despedir-me dos meus colegas, pois fui o único sargento da minha turma que deixava o Exército.

Por fim, fui despedir-me dos meus ex-chefes, Tenentes Abílio e Lino e agradecer ao último o elogio que ainda consta das alterações de minha caderneta: "A 11 de julho, conforme consta em Boletim Regimental N^o 87, foi elogiado pelo Sr. 1^o Tenente Aproveisionador pelo interêsse e dedicação com que sempre desempenhou suas funções".

Passados 33 anos, em 1963, para matar as saudades voltei às simpáticas cidades, nas quais é lembrada a estada do 5^o Batalhão de Engenharia, pela Avenida Coronel José Ozorio, em Palmas, e pela Rua 5^o BE., em Clevelândia.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e Direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

Do Meu Caderno de Recordação

AYRES GEVAERD

NOSSOS VELHOS ARTESÃOS.

Velhas fotografias trazem, quase sempre, recordações.

Outro dia, lá, na “Casa de Brusque”, comecei a classificar e identificar cêrca de cem postais distribuidos em velho album. Trabalho, pelo menos, para duas horas, pensei. Entretanto, logo de início, deparei com um postal de 1920, aproximadamente, da rua das “Carreiras”. Foi o bastante para voltar meio século e reviver dias da minha infância, passada naquela rua, e das horas nas imediações da oficina dos Irmãos Ulber, admirando a montagem de um carro de mola, dêsses que hoje ainda teimam em percorrer a cidade e que eu, com minha mulher, ocupamos frequentemente. Nesses momentos, esquecia-me de tudo, até do pão de milho com nata e queijo, que me esperava em casa de minha avó materna, a poucos passos dali. Separei o postal, guardei a coleção e voltei para casa, disposto a procurar, em meus cadernos, notas unicamente relacionadas com os nossos velhos artífices. Inclusive, lembrar os primeiros, aqueles que chegaram nas primeiras leva de imigrantes.

Na rua das “Carreiras” existiam artífices e um artesanato de primeira linha: os irmãos Henrique, Germano e Ernesto Ulber eram ferreiros e carpinteiros; José Hoerner, ferreiro; Victor e Francisco Pruner, marceneiros; José Pruner, pintor; Guilherme e Ricardo Müller, marceneiros. A montagem de um carro de mola ou de uma carroça era totalmente feita nas oficinas dessa rua, com instrumentos comuns, fole de ferreiro movido a mão e banco de marceneiro. Perfeição absoluta. Artesanato de primeira linha! Na rua Engenheiro Taulois, esquina com a avenida Carlos Renaux, havia a oficina de Guilherme Hohe, tanuiro, um homem que não saía de sua oficina, tampouco da casa ligada com aquela. Sômente quando solicitado para o exercício do voto ou para participar de um Júri, o nosso tanoeiro era visto na rua, impecavelmente vestido, solene, cumprimentando, na passagem, os conhecidos. Seus tonéis, barris, tinas, baldes etc., eram famosos; montados a mão, desde o preparo da madeira e os arcos de ferro.

Havia, na rua Barão de Ivinheima, hoje Avenida Carlos Renaux, a marcenaria dos irmãos Primo e Augusto Diegoli, a mais evoluída na época, com máquinas movidas à eletricidade. Primo Diegoli foi um artista em tôda a plenitude da palavra. Excelente marceneiro, nas horas livres montava violinos e contrabaixos, sem interêsse comercial. A

Sociedade Amigos de Brusque, no dia que inaugurou a sua sede, recebeu, de pessoa da família Diegoli, um violino feito por Primo, peça realmente preciosa e que se destina ao Museu de Brusque. Outros marceneiros: Teodoro Haag, Francisco Sassi, Paulo Moritz, Emilio Oittrich, Francisco Westphal, João Sartoti.

Adolfo Bruns foi carpinteiro, construtor de pontes, inclusive da "Coronel Pereira e Oliveira", recém demolida, da torre da Igreja Evangélica e de inúmeros prédios. Gustavo Willrich, da mesma profissão, e mais Carlos, José e Mathias Hassmann, cuja especialidade era a montagem de engenhos de açúcar, serra e farinha. Outros: Lecínio Tomio, José Taquini, Ludovico Comandoli, Carlos Wagner. Tivemos extraordinários mestres alfaiates: Carlos Luiz Gevaerd, Gustavo Krieger, Sezefredo Pieper, Germano Rosenbroock.

Oficinas de ferreiro que se tornaram famosas através da alta qualidade de instrumento de trabalho feitos por Guilherme Niebuhr, Sebastião e Léo Belli, José Mosimann, Wenceslau Ruzinski, Paulo Peiter.

Os funileiros Cristóvam e Ernesto Rau, Guilherme Kormann, este último pioneiro, em Brusque, da indústria de conservas alimentícias.

Construtores, mestres pedreiros: José e Adolfo Gleich, Luiz Lubcke, Oscar Orthmann. Seleiros: Carlos Gracher, Guilherme Rich Jacob Olinger, Henrique Deichmann, Henrique Appel. Sapateiros: Carlos Appel, Frederico Heil, Mathias Moritz, Luiz Albani e Antônio Warendowsky.

Raros foram, desses artifices, que buscaram fora de nosso município a aptidão e a arte com que exerceram suas respectivas profissões.

Nas relações das primeiras levadas e no recenseamento feito em 1864, encontraram-se os precursores e os prováveis mestres: alfaiate, amolador, carpinteiro, couteleiro, caldeireiro, canteiro, curtidor, charuteiro, esticador, ferreiro, jardineiro, lapidário, marceneiro, mineiro, padeiro, pedreiro, tecelão, tintureiro.

Longe vão os dias em que se adquiriam, vindos das mãos des-

ses nossos artifices, verdadeiras peças e obras de alta qualidade. Aos poucos, a técnica moderna, em sua constante evolução, veio e vem substituindo a ferramenta e a máquina, proporcionando ao homem lucro mais fácil. A habilidade das mãos passou para a perfeição mecânica, mais rápida, mais rendosa, destituída, entretanto, de alma, de labor nobre e distinto. O artesanato puro, hoje, é mais doméstico e se encontra nos trabalhos manuais, nas rendas e bordados, nos objetos de madeira, metal e couro.

O pleno exercício das profissões de nossos antepassados, deve ter tomado incremento e difusão logo depois da emancipação política, por volta de 1881 a 85. Superadas as atividades da lavoura, por falta de melhores terras, a economia brusquense escorou-se, ainda mais, nas matas e nos engenhos de serra que se desenvolviam rapidamente. Por outro lado, desenvolvia-se a vila. Oficinas de carpintaria, marcenaria, ferraria, armazens etc. e, em maior volume, o comércio exportador de madeira e dos produtos dos engenhos de farinha, de mandioca e de milho. O advento da indústria têxtil, através o pioneirismo dos polonêses de Lodz, entre outras, as famílias Kreibich, Petermann Schlösser, Wiese, Jancovski, foi o passo decisivo. Mas isso já é outra história e merece considerações e estudos que absolutamente não tenho.

Tentei lembrar as atividades profissionais de nossos maiores, como em outras ocasiões, a dos nossos colonizadores. Fiz o possível para lembrar a todos e reconheço, por falta de registros, que muitos dos artezãos brusquenses permaneceram esquecidos. É possível mesmo que o fiquem sempre, o que lamento sinceramente. Mas, de um passado recente, quero lembrar um nome: Harry Gevaerd. Ourives, criava e executava suas peças em ouro e prata com absoluta perfeição, situando-o em extraordinário conceito em tôda Santa Catarina.



Por Carta Régia de 11 de agosto de 1738, foram separados do território de São Paulo o da Ilha de Santa Catarina e o do Rio Grande do Sul, que ficaram sob o govêrno do general José da Silva Paes.

Emprêsa Industrial

Garcia S/A.

BLUMENAU - ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906 -- Garcia

Enderêço Telegráfico: "GARCIA" - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E BANHO

TOALHAS DE MESA - PANO DE COPA

LENÇOS - ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS

CRETONES E OUTROS TECIDOS

Companhia

COMERCIAL SCHRADER

BLUMENAU — Santa Catarina
Caixa Postal 4 - Telegramas «CIASCHRADER»

110 anos de tradição no comércio do
Vale do Itajaí

Sede, Administração, Escritório e Lojas
Rua 15 de Novembro, 117
Telefones: 22-0411 e 22-0738
Depósitos: Rua Itajaí, 260
Telefone: 22-0429

Oficina mecânica especializada "MERCEDES BENZ"

Rua Itajaí, 625
Telefone: 22-0450

Revendedores de Chassis e Peças «MERCEDES BENZ»
Lubrificantes «MOBILOIL»; pneus e câmaras de ar
«DUNLOP» e «PIRELLI»

Agentes Gerais da "CIA. BOAVISTA DE SEGUROS" e "SANTA CRUZ"

Cia. de Seguros Gerais
Telefone: 22-1024